

IDENTIDADE SOBRE RODAS: UM ENSAIO SOBRE A CULTURA BIKER CUSTOM

Identity on Wheels: An Essay on Biker Custom Culture

Leandro Castro Oltramari

Doutor em Ciências Humanas (UFSC, 2007).
Universidade Federal de Santa Catarina - Departamento de Psicologia
Florianópolis – Brasil
leandrooltramari@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-9610-0502>

Carlos José Naujorks

Doutor em Sociologia (UFRGS – 2012)
Universidade Federal de Santa Catarina – Departamento de Psicologia
Florianópolis – Brasil
carlos.naujorks@ufsc.br

 <https://orcid.org/0000-0003-0258-1585>

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

RESUMO

Este ensaio propõe uma reflexão sobre os processos culturais de formação da identidade tendo como referência os estudos sobre as pedagogias culturais. Para tanto, tomam-se os processos de formação da identidade biker custom como referente empírico. Biker refere-se a uma prática social específica vinculada ao motociclismo, à customização da motocicleta, ao uso de roupas, adereços e jargões, através da qual tanto uma identidade pessoal quanto uma identidade coletiva são formadas. Baseado nos estudos sobre pedagogias culturais, este ensaio problematiza os processos de formação da identidade biker, procurando evidenciar a dimensão propriamente pedagógica e formativa dos processos culturais de formação da identidade.

Palavras-chave: Motociclismo. Biker. Identidade. Pedagogias Culturais. Narrativas.

ABSTRACT

This essay proposes a reflection on the cultural processes of identity formation, having as reference the studies on cultural pedagogies. To this end, we take as empirical reference the formation processes of biker custom identity. Biker refers to a specific social practice linked to motorcycling, motorcycle customization, the use of clothing, accessories, and jargon through which both a personal identity and a collective identity are formed. Through studies on cultural pedagogies, this essay problematizes the processes of biker identity formation seeking to highlight the properly pedagogical and formative dimension of cultural processes of identity formation.

Keywords: Motorcycling. Biker. Identity. Cultural Pedagogies. Narratives.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo propõe uma reflexão sobre a identidade tendo como referência a cultura. De forma específica, toma-se como tema a cultura biker e o processo de construção da identidade biker. Biker refere-se a um processo cultural específico e à identidade de um grupo específico. O conceito Biker é entendido, segundo Mindich (s/d), como aquele que possui uma identidade com a motocicleta e que adota a sua cultura, ou parte dela, como um estilo de vida e assim se identifica. Não é apenas andar de motocicleta, mas um modo



muito específico de relação com essa forma de mobilidade que se expressa na maneira de se vestir, um gosto especial pelas viagens e pela motocicleta e por um código de conduta específico que, espera-se, seja respeitado e disseminado. Muitos chamam isso – muitas vezes de forma convencional, outras de forma irônica – de código biker. Essa articulação entre processo cultural e processo identitário será compreendida, no presente trabalho, a partir da perspectiva das pedagogias culturais (GIROUX, 2003) e pelas noções de narrativas identitárias (BRUNER, 1987) e correspondência identitária (NAUJORKS; SILVA, 2016).

As pedagogias culturais apontam a importância dos processos cotidianos de produção de significados sociais realizados por grupos sociais, mídias e meios de comunicação para a compreensão da identidade. Tais processos disponibilizam para as pessoas referentes identitários relevantes para os sentimentos de pertencimento coletivo, para a afirmação de identidades sociais específicas (gênero, raça, etc.) e de valores pessoais. Os referentes são disponibilizados através de narrativas específicas e pedagogicamente contribuem na formação das identidades tanto dos grupos sociais quanto das pessoas que deles participam.

A identidade, por sua vez, constitui-se como um processo onde estão presentes tanto a dimensão social de produção e disponibilização de significados quanto processos pessoais de reconhecimento de si e dos outros a partir desses referentes socialmente disponibilizados. Assim, enquanto processo psicossocial, a identidade enlaça, para o indivíduo, os referentes culturalmente relacionados aos sentidos e significados associados a grupos sociais específicos, aos papéis e categorias sociais e, também, os valores e a trajetória pessoal de cada um. A noção de correspondência identitária procura abarcar a relação estabelecida entre essas múltiplas dimensões do processo identitário. Parte-se da diferenciação entre as dimensões pessoal, social e coletiva da identidade individual. Analiticamente, cada dimensão pode ser evidenciada por referentes específicos: os valores pessoais, a trajetória biográfica e as características idiossincráticas remetem à dimensão pessoal da identidade individual; referentes relativos aos papéis e categorias sociais remetem à identidade social e, por fim, referentes relativos ao pertencimento a grupos ou coletividades específicas remetem à dimensão coletiva da identidade (NAUJORKS; SILVA, 2016). Este trabalho considera as possibilidades de a cultura biker disponibilizar, por meio de pedagogias específicas, referentes abrangentes o suficiente para abarcar as diferentes dimensões identitárias. Tais referentes são disponibilizados culturalmente através de uma

narrativa identitária específica na qual estão presentes significados relativos à cultura biker que permitem ao indivíduo construir uma narrativa sobre si.

2 CULTURA BIKER E PEDAGOGIAS CULTURAIS

A cultura biker tem sido estudada no exterior faz certo tempo. Existem estudos publicados desde os anos de 1960, período áureo do grupo Hell's Angels, famoso motoclube norte-americano. (THOMPSON, 2004) Inicialmente os estudos se importaram em investigar a identidade transgressora e considerada “fora da lei” dos grupos de bikers, principalmente nos Estados Unidos. Em vários países, estudos relacionam os bikers e os motoclubes atrelados a grupos fora da lei (Outlaw) com o crime organizado (BLOKLAND; VAN HOUT; VAN DER LEEST; SOUDIJN, 2017; BAIN; LAUCHS, 2017) e ainda com grupos de supremacistas brancos nos Estados Unidos (ANTI-DEFAMATION LEAGUE, 2011).

Existem também estudos no exterior que abordam a cultura biker sobre seu aspecto identitário, a qual eles caracterizam como uma subcultura específica. Esses estudos relacionam as chamadas subculturas bikers a um estilo de vida atrelado necessariamente à motocicleta e seu uso (SCHOUTEN; MCALEXANDER, 1995, KRUGER; VILJOEN; SAAYMAN, 2014).

A cultura biker é muito influenciada por aquilo que tem se convencido chamar de cultura custom, tendo a marca Harley-Davidson como a mais reconhecida internacionalmente e representante desse estilo de motocicletas. Surgida em 1903 nos Estados Unidos, especificamente em Milwaukee, a Harley-Davidson se tornou, segundo Toledo Pinto (2011), mundialmente famosa quando foi utilizada na Segunda Guerra Mundial, o que trouxe para a marca um reconhecimento internacional ao ter sua imagem vinculada à de um soldado americano que foi um dos primeiros a entrar na Alemanha nazista com sua Harley-Davidson. A autora ainda aponta que o retorno dos soldados norte-americanos foi primordial para a popularização da marca. Esses, quando voltavam como civis, compravam suas motocicletas Harley-Davidson e costumavam customizá-las, ou seja, transformá-las a partir de características e de gostos pessoais. Ainda segundo Toledo Pinto (2011), era muito comum esses ex-soldados terem problemas de adequação e comportamentos considerados agressivos ou inadequados socialmente. A história da marca e da cultura custom está muito atrelada ao motoclube californiano Hell's Angels, que tem um histórico de envolvimento com brigas e tumultos, o que ampliou ainda mais o

imaginário da relação entre motociclismo e inadequação às regras e também de promoção da violência.

A cultura biker custom tem se difundido de forma mais popular no Brasil nos últimos anos, principalmente a partir da década de 1990, com a abertura para importação de motocicletas e automóveis. O incremento a esse mercado veio mesmo a partir dos anos 2000, sendo que em 2010 a Harley dominava mais de 70% do mercado das motos touring (consideradas motos para viagem) no Brasil (TOLEDO PINTO, 2011). Mas essa presença não é tão recente assim. Em trabalho histórico, Gomes (2017) revela que as motos já chegaram no início do século XX ao Brasil e logo alguns motoclubes se formaram, assim como competições, e o turismo de moto iniciou sua constituição. Mesmo praticamente sem condições de estradas, suas aventuras foram se efetivando em território nacional, assim retratadas por revistas especializadas no assunto.

Toledo Pinto (2011) revela que existe uma imagem específica da cultura biker custom¹. Ela identificou através de sua etnografia uma cultura predominantemente masculina. A autora descreveu o universo da sua pesquisa com os motociclistas com características muito performáticas típicas da masculinidade. Os gestos, as roupas e adereços que fazem com que se estabeleça uma estética e principalmente um estilo de vida “harleyro” que podemos apontar quase como o precursor de uma estética biker custom. Tais elementos funcionam como referentes identitários utilizados pelas pessoas para o reconhecimento social e o auto-reconhecimento como biker. A importância desses referentes identitários relacionados ao gênero e masculinidades reflete-se na frequência das discussões a respeito dessas temáticas em pesquisas sobre bikers.

A motocicleta é um referente muito forte tanto em relação à potência masculina quanto em relação à feminilidade. A pesquisa de Toledo Pinto (2011) com motociclistas do HOG em São Paulo aponta que um dos entrevistados revelou que a moto o deixava mais “macho”, pois ela é forte e robusta. O entrevistado diz que a moto é como se fosse um “pênis de aço”. Mas também a moto é tratada como uma referência à feminilidade. Por exemplo, Soares (2016), em sua pesquisa, identificou que as motocicletas são invariavelmente citadas com atributos femininos e com uma referência a uma “máquina” que precisa ser dominada, não é raro que muitas motocicletas possuam nomes femininos.

¹ A autora desenvolveu especificamente sua pesquisa com um público proprietário de motocicletas Harley-Davidson em São Paulo.

Em pesquisa sobre o mercado da marca Harley-Davidson, Martin discute que as mulheres que estão identificadas com a marca não correspondem a uma identidade submissa, sendo assim elas se contrapõem a esse estereótipo (MARTIN apud REINA, 2013). Já em pesquisa de Silva (2016) sobre encontros de bikers em Goiânia, ele revelou que existe uma relação de subalternização das mulheres que frequentam esses encontros. Ele aponta que há uma relação heteronormativa e bastante masculina.

Apesar disso, curiosamente, Silva (2016) apontou em seus estudos que um dos primeiros motoclubes reconhecidos do mundo foi o Motormaid, um motoclube formado somente por mulheres nos Estados Unidos, em 1939 e, segundo o autor, ainda em atividade. Apesar de ser um clube pouco conhecido, é anterior a muitos motoclubes internacionalmente reconhecidos como Hell's Angels, que foi fundado em 1948, ou o Pagans, surgido em 1959 e ainda o Mongols, surgido em 1969².

Segundo Soares (2016), citado por Silva (2016), a formação do Motormaid, e o fato de ser praticamente desconhecido, demonstra um “processo histórico de inserção e masculinização da mulher no campo motociclístico” (p.38). Ainda Soares (2016) descreve em sua tese que, apesar de ser uma história não reconhecida por muitos que compartilham da cultura biker, existiu um número significativo de mulheres que foram bikers no passado, desde o início do século XX. Muitas delas atravessaram longas distâncias nos Estados Unidos ou mesmo tiveram papel fundamental na comunicação na Segunda Guerra Mundial e não receberam tal reconhecimento.

Estudos têm evidenciado, também, a presença de uma série de referentes identitários associados a valores pessoais, o que permitiu, aos poucos, a constituição de uma imagem muito específica sobre bikers nos dias atuais. Segundo Soares (2016), é exatamente na década de 1940, na cidade de Hollister, que surge o estereótipo do motociclista rebelde. Isto aconteceu devido a um fato ocorrido em um evento moto ciclístico naquela cidade. Nesse evento, um jornalista teria tirado uma foto sensacionalista de um motociclista em cima de sua moto, bebendo e com várias garrafas de cerveja quebradas ao seu redor. Um editor de uma importante revista de motociclismo ligada à Associação Americana de Motociclismo (AMA) envia uma carta declarando e criticando tal foto, afirmando que apenas 1% dos motociclistas do evento teriam tido este tipo de

² Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Mongols_Motorcycle_Club

comportamento, criando assim o lendário patch 1%³, que separa os motoclubes que se identificam com esse tipo de comportamento e aqueles que não apresentam esse tipo de conduta. Ao mesmo tempo que a diferenciação foi uma tentativa de construir uma imagem de pessoas adequadas às regras e às normas vigentes, também construiu uma identidade fora da lei que muitos grupos se orgulham de ostentar, criando assim um verdadeiro estilo, quase estigma: uma identidade de um motociclista fora da lei.

Silva (2016), em sua pesquisa com motoclubes em Goiânia, revelou o que identificou como um estilo “motociclista”, esse que aqui denominamos de biker. Mas como se identificaria tal estilo? Segundo o autor, esse estilo se constituiu a partir de uma unidade performática muito própria da cinematografia norte-americana. Ele identificou através de sua pesquisa a importância do filme “O Selvagem (The Wild One)”, de 1953, com Marlon Brando, onde são apresentadas cenas de jovens que vestem roupas de couro, usam tatuagens e outras marcações corporais. Ele refere que esses surgiram na cinematografia com suas motocicletas e apresentavam atitudes rebeldes e de tensionamento contra as regras sociais. Essa imagem, com seus valores e referências estéticas, é disseminada pelo cinema e mídia em geral. Vale ressaltar que o cinema, desde os anos cinquenta, trouxe a ideia da rebeldia e violência muito atrelada à de “motociclista”. Toledo Pinto (2011) aponta que, assim como Marlon Brando apresentava a imagem de um sedutor “mau”, o filme “Sem Destino (Easy Rider)”, de 1969, estrelado por Peter Fonda, construiu a ideia do acesso à liberdade a ser conquistada pela sua motocicleta. Outros eventos ainda ampliaram alguns destes imaginários, através da mídia. O caso da cidade de Hollister, já citado anteriormente, construiu o imaginário do biker rebelde e violento de onde veio o “quase” elogio biker do patch 1%.

Todas essas referências assumem significados fortemente vinculados à masculinidade e à heteronormatividade. “É coisa para macho” é uma expressão que o autor escutou muito em sua pesquisa e que deu nome ao seu trabalho. E essa narrativa é construída a partir de alguns elementos, sendo um deles principalmente a hierarquia. Existem, baseados nas lógicas bikers e seus motoclubes, elementos muito constitutivos que brotam do enaltecimento da força, do esforço físico, de resistência à dor e

³ Existem no exterior, mas também no Brasil, motoclubes que utilizam o patch como forma de identificação. Estes *bikers* apresentam uma conduta muitas vezes descrita como agressiva ou “fora da lei”. Apesar desse comportamento não ser declarado, o 1% é citado como uma forma de mostrar o tipo de identidade do motoclube do qual se faz parte.

enfrentamento da violência. A rebeldia e a masculinidade aparecem, enquanto referentes identitários relacionados, e permitem, ao mesmo tempo, vincular tanto sentimentos de distinção social quanto valores afirmados individualmente. Permite, desta forma, um reconhecimento de si no outro e o sentimento de participar de uma coletividade cultural específica: a cultura biker.

Os encontros de moto se tornam, conforme as discussões de Silva (2016), um canalizador de produções, de normatizações e de classificações de homens “mais” ou “menos” machos, devido aos comportamentos e atitudes tomados em um determinado contexto. Mas como o próprio autor aponta, tudo isto dentro de uma lógica de “masculinidade hegemônica e heteronormativa”, numa “classificação e produção de gênero de um modelo canônico conservador e tradicional”. Essa lógica é identificada por Silva (2016), citando Pierre Bourdieu, como a “dominação masculina”. Isso porque, segundo ele, os seus entrevistados mantinham uma postura tradicional de trazer a retórica da família tradicional como fundamental e colocando-se no clássico lugar de chefe e condutor da família, ou seja, chefe e condutor da esposa e dos filhos. Assim como aponta Bourdieu, os homens têm posturas que consideram verdades absolutas em relação às mulheres, defendendo a tomada de decisões à revelia de suas mulheres.

Outro fator importante nas discussões apresentadas sobre essa identidade biker tem relação com o pertencimento a um grupo. Há um grande número de pesquisas – nos Estados Unidos principalmente, mas em outros países também – sobre a constituição de grupos de motociclistas ligados a gangues (THOMPSON, 2004; ANTI-DEFAMATION LEAGUE, 2011; BLOKLAND; VAN HOUT; VAN DER LEEST; SOUDIJN, 2017). A dimensão associativa também foi identificada em vários trabalhos no Brasil, não estando, no entanto, caracterizada por uma preocupação com seu estatuto de “fora da lei”. (HENRIQUE, 2000; MARTINS, 2012; FERNANDES, 2012, GOMES, 2017). No Brasil essa característica ligando necessariamente os grupos de motociclistas aos “fora da lei” é muito menor do que em outros países, mesmo que, ainda assim, no imaginário social essa identidade seja recorrente.

A grupalidade tem sido uma das principais discussões sobre a temática biker, sendo caracterizada como um rompimento com o individualismo moderno, inaugurando um novo “tribalismo”, como apontam Henrique (2000) e Mesquita e Maia (2007). A questão é que estes agrupamentos encontram-se e constroem alianças que os fazem, pela interação, produzir uma identidade coletiva referenciadora. Assim, é possível compreender que, por meio de algumas características do grupo, ele vai se organizando e sendo reconhecido

como tal, não somente pelo seu estilo de vida ética-estética, mas pelo uso em grupo de suas motocicletas.

3 COMO SE CONSTITUEM AS PEDAGOGIAS CULTURAIS

A noção de pedagogias culturais se constitui a partir de uma discussão do autor Henri Giroux (2003) para compreender uma produção específica e intencional que se revela pela cultura da mídia frente à qual é possível se reivindicar uma identidade. Ele propõe o conceito baseado em um estudo sobre a pedagogia Walt Disney, através de seus filmes, personagens e livros. O autor identifica a constituição de uma ideia específica de criança e infância ligada à ingenuidade, com objetivos específicos de reproduzir e vender seus produtos a partir dessas práticas. Para esse autor, através das “imagens massificadas” existe a possibilidade de um condicionamento das formas de sentir e desejar na vida cotidiana, assim as percepções ficam atreladas a esse universo sensível.

Para Giroux (2003) as pedagogias culturais a partir dos estúdios Disney provoca a pensar o quanto as pedagogias culturais moldam o comportamento humano e os significados de ações dos seres humanos, tendo como mediadores fundamentais a tecnologia e a mídia. Para o autor:

Em outras palavras, a cultura da mídia influencia aquilo que significa reivindicar uma identidade como sendo do sexo masculino, feminino; pessoa branca, negra; cidadã, ou não cidadã, bem como definir o significado de infância, do passado nacional, da beleza, da verdade do protagonismo social. (GIROUX, 2003, p. 128).

Segundo Castro Camozzato (2014), o conceito de pedagogias culturais possibilita uma amplitude de análise significativa, pois ele atribui ao campo da “educação” várias possibilidades de interpretação produzidas pela cultura, as quais estão sendo cotidianamente criadas pelos grupos sociais e pelas mídias e meios de comunicação nos quais esses se inserem ou fazem uso. Ela cita Steinberg, quando aponta ser possível analisar vários espaços considerados pedagógicos pouco convencionais onde o “poder se organiza e se exercita, como TV, filmes, jornais, revistas, brinquedos, anúncios, videogames, livros, esportes, etc.” (p. 580), além, claro, de mídias sociais e internet.

Sendo assim, para Castro Camozzato (2014), existe, a partir do conceito de pedagogias culturais, a ideia de uma circulação, uma rede de poderes e saberes que de alguma forma produzem sujeitos e identidades. Elas estão no interior de uma série de

transformações e clivagens sociais e culturais. Giroux e McLaren (1995, p. 144) afirmam: “[...] existe pedagogia em qualquer lugar em que o conhecimento é produzido, em qualquer lugar em que existe a possibilidade de traduzir a experiência e construir verdades”. A construção dessas pedagogias de alguma maneira influencia formas de estabelecimento de significados de si e pertencimento identitário e esses começam a ser construídos de artefatos que ele considera pedagógicos.

Existe, assim, um processo de construção identitária a partir de um imaginário estético específico, bem como de um conjunto de valores que serão compreendidos e pedagogicamente ensinados pelo grupo do qual os sujeitos fazem parte. Compreendemos que esses processos de constituição identitária se estabelecem no centro desse processo de “pedagogização cultural”, pois, do momento em que existe uma certa correlação entre sujeitos e conseqüentemente grupos, estes necessitam saber seus códigos e os compartilham mutuamente, constituindo esta rede de saberes e poderes que darão sentido a suas experiências.

4 NARRATIVAS IDENTITÁRIAS E CORRESPONDÊNCIA IDENTITÁRIA

As pedagogias culturais proporcionam aos indivíduos narrativas sociais que funcionam como referência para a construção identitária. Para a abordagem narrativa da identidade, a história contada por uma pessoa pode ser entendida como um retrato de sua identidade (VIEIRA; HENRIQUES, 2014, p.163). Nesse sentido, a abordagem narrativa da identidade entende que esse relato que a pessoa elabora sobre si é a base a partir da qual a pessoa dá um determinado sentido para si e para o mundo, identificando-se com esse sentido ou não. A construção dessa narrativa, no entanto, se dá através dos conjuntos narrativos disponibilizados pela cultura, e por seus sentidos já dados. Há que se considerar, então, os processos culturais de construção dessas narrativas e como elas funcionam como referências para a construção identitária, constituindo-se em pedagogias culturais específicas.

Para McAdams (2001), a identidade se constitui alicerçado na cultura, que provê os modelos com base nos quais ela é construída. Grupos sociais específicos definem os scripts que são incorporados pelas pessoas nas narrativas que elaboram sobre si. Existe uma relação intrínseca entre as pedagogias culturais e as narrativas identitárias:

Imerso em uma cultura particular, cada indivíduo internaliza aspectos desses modelos culturais e cria representações individualizadas de sua vida

e de si mesmo, formando uma narrativa de vida em relação ao roteiro cultural, seja em conformidade ou evitando esses ideais. (FIVUSH, 2008, p.51)

Entender como devem ser estruturadas as narrativas dentro da cultura permite identificar os limites da identidade, o que delimita os processos de identificação possíveis presentes em um determinado contexto. A narração, tanto socialmente disponível quanto individualmente realizada, deve se aproximar das formas convencionais. As pedagogias culturais “ensinam” quais são essas formas convencionais, determinam o que é o canônico, e partindo desses elementos canônicos o indivíduo constrói uma narrativa sobre si (BRUNER, 1987, 2008).

A cultura biker disponibiliza um conjunto de referentes identitários que permite ao indivíduo se deparar como uma narrativa social sobre a identidade biker e elaborar uma narrativa sobre sua própria identidade como biker. Esse conjunto é suficientemente amplo para abarcar referentes identitários pessoais, sociais e coletivos. Nos estudos bibliográficos considerados, verifica-se que a cultura biker apresenta referentes identitários relacionados a valores pessoais que são centrais na construção de uma narrativa biker, tais como rebeldia, liberdade e sedução. Tais referentes são feitos correspondentes aos referentes sociais vinculados à categoria social biker, para a qual aparecem significados associados à força, robustez, virilidade e masculinidade. Além disso, os grupos de motos, os encontros, as viagens feitas em grupo, constituem processos coletivos que permitem sentimentos de pertencimento baseados nos valores e significados pessoais e sociais bikers. Ao tomar a noção de correspondência identitária como um conceito que permite abarcar a relação entre as múltiplas dimensões identitárias (NAUJORKS; SILVA, 2016), pode-se considerar que a cultura biker provê um conjunto dos valores e significados suficiente para desempenhar um papel pedagógico relevante para uma construção identitária coerente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa biker parece oferecer um script com uma função pedagógica para uma construção identitária própria a um grupo cultural específico. Da mesma forma, pessoas se utilizam de referentes presentes nessa narrativa para a construção de sua identidade. Biker passa a indicar tanto uma subcultura específica quanto uma identidade individual. A noção de pedagogia cultural permite compreender como se dão os enlaces entre os processos culturais e as pessoas que participam deles concretamente. A partir da cultura, são

disponibilizados os valores e significados a serem tomados pelas pessoas como seus, como formadores de sua identidade. Aqui propomos, justamente, articular a noção de pedagogias culturais aos conceitos de narrativas identitárias e correspondência identitária. Este ensaio sugere que os usos combinados dessas noções apresentam forte relevância, não apenas para a compreensão da cultura biker, de forma específica, mas para a compreensão das relações entre processos culturais e a formação da identidade individual. Na medida em que podem ser relacionadas, as noções de pedagogias culturais, narrativas identitárias e correspondência identitária suscitam uma série de questionamentos que a continuidade da pesquisa sobre cultura biker desenvolvida pelos autores pretende evidenciar: quais os elementos propriamente pedagógicos presentes nas narrativas identitárias biker? Quais as características de uma narrativa identitária para ela ter uma função pedagógica? Como tais elementos presentes nessa narrativa constituem referentes relevantes para a construção da identidade individual? Como tais referentes relacionam-se, de forma coerente, com as múltiplas dimensões da identidade individual? O presente ensaio, ao abordar diferentes aspectos da relação entre processos culturais e processos de construção da identidade, propõe fazê-lo através de uma perspectiva teórica que pretende relacionar diferentes conceitos. Acreditamos que é essa tentativa que permite evidenciar os diferentes aspectos que compõem aquilo que tomamos como fenômeno.

REFERÊNCIAS

ANTI-DEFAMATION LEAGUE. **Bigots on Bikes**: the growing links between white supremacists and biker gangs. 2011.

https://www.adl.org/sites/default/files/documents/assets/pdf/combating-hate/ADL_CR_Bigots_on_Bikes_online.pdf Acesso em 24 de setembro de 2018.

BAIN, A; LAUCHS, M. **Understanding the Outlaw motorcycle gangs**: internacional perspectives. Durham: Carolina Academic Press. 2017.

BLOKLAND, A., VAN HOUT, L., VAN DER LEEST, W.; SOUDIJN, M. Not your average biker; criminal careers of members of Dutch outlaw motorcycle gangs. **Trends Organ Crim.** P. 1-24. 2017.

BRUNER, J. **Actos de Significado**. Lisboa: Edições 70. [1990], 2008.

BRUNER, J. Life as narrative. **Social Research.** V. 54, N. 1. 1987.

CASTRO CAMOZZATO, V. Pedagogias do Presente. **Educação & Realidade**, v.39, n.2, p. 573-593. abr/jun. 2014.

FERNANDES, H. S. **A relação entre as identidades territoriais e a "nova urbanidade"**: o caso das manifestações identitárias dos grupos de motociclistas em Salvador. 106f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal da Bahia, Pós Graduação em Geografia. Bahia: Salvador. 2012.

FIVUSH, R. Remembering and reminiscing: How individual lives are constructed in family narratives. **Memory Studies**. v.1, n. 49. 2008.

GERGEN, K. J. La autonarración en la vida social. In: MESA, A. M. E.; FERRÁNS, S. D. (Orgs.). **Construccionismo social, aportes para el debate y la práctica**. Bogotá: Universidad de los Andes. Ediciones Uniandes. 2007.

GIROUX, H.; MCLAREN, P. (1995). Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, T. T.; MOREIRA, A. F. (Orgs.), **Territórios Contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis: Vozes.1995. p. 144-158.

GIROUX, H. **Atos impuros: a prática política dos estudos culturais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GOMES, F. L. **Histórias de Paixão sobre Rodas**: Moto Club de Campos. Niterói: Nitpress. 2017.

HENRIQUE, R. **Solidão Social: a tribo urbana dos motociclistas**. Niterói: Primyl. 2000.

KRUGER, M.; VILJOEN, A.; SAAYAMAN, M. What drives bikers to attend a motorcycling event? **African Journal of Hospitality**, v.1, n.3,p. 1-21. 2014.

MINDICH, B. Bikers: **A Sustainable Subculture Model**. Master of Arts in Liberal Studies. s/d. Disponível em https://www.academia.edu/9761123/Bikers_A_Sustainable_Subculture_Model. Acesso 27/02/2018.

MARTINS, C. J. **Sobre duas rodas: o moto-turismo no Rio Grande do Sul**. 124f. Dissertação (Mestrado em Turismo), Universidade Caxias do Sul, Pós-Graduação em Turismo, Rio Grande do Sul: Caxias do Sul, 2012.

McADAMS, D. The psychology of life stories. **Review of General Psychology**. v. 5, n. 5, p.100 -122, 2001.

MESQUITA, M. E.; MAIA, C. E. Territórios e territorialidades urbanas em Goiânia: as tribos dos moto clubes. **Boletim Goiano de Geografia**, v.27, n.3, p. 125-142. jul/dez, 2007.

NAUJORKS, C.; SILVA, M. Correspondência identitária e engajamento militante. **Civitas**, v.16, a. 1, p.136-152. 2016.

NORTON, P.; AITKEN, P.; WILTON, R. **Peter Norton: a bíblia do programador**. Rio de Janeiro: Campos, 1994.

REINA, D. R. La etnografía en los estudios de marca: una revisión bibliográfica. **Pensamiento & Gestión**, p. 211-234. 2013.

SCHOUTEN, J.; MCALEXANDER, J. Subcultures of consumption: An ethnography of the New Bikers. **Journal of Consumer Research**, v.22, p. 43-61, jun. 1995.

SILVA, K. L. **“É coisa para macho”**: a construção de masculinidades nos encontros de motociclistas em Goiânia. 99f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais. Goiás: Goiânia. 2016.

SOARES, M. E. **Idas e vindas entre as paisagens e as festas motociclísticas e motoclubísticas no Estado de Goiás**. 256f. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiás: Goiânia. 2016.

THOMPSON, H. S. **Hell's Angels: medo e delírio sobre duas rodas**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

TOLEDO PINTO, F. R. **Você tem uma moto ou uma Harley: vínculos com a marca Harley Davidson em São Paulo**. 203f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Universidade de São Paulo. São Paulo: USP. 2011.

NOTAS

AGRADECIMENTOS: Não se aplica

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: L. C. Oltramari; C. J. Naujorks

Coleta de dados: L. C. Oltramari;

Análise de dados: L. C. Oltramari; C. J. Naujorks

Discussão dos resultados: L. C. Oltramari; C. J. Naujorks

Revisão e aprovação: A L. C. Oltramari; C. J. Naujorks

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em

repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Javier Ignacio Vernal e Silmara Cimbalista

HISTÓRICO

Recebido em: 20-08-2019 – Aprovado em: 16-12-2019 – Publicado em: 31-01-2020